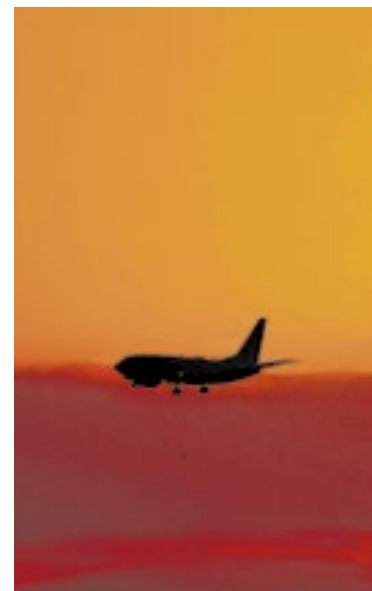


FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO



Vozinha: resiliência e altivez aos 40 anos

A idade costuma aparecer primeiro no espelho. Depois, nas pernas. Por último, na memória dos outros.

No futebol, então, quarenta anos parecem uma eternidade. Muitos já penduraram as chuteiras. Outros viraram comentaristas, treinadores ou lembranças de um álbum de figurinhas. Mas há quem desafie o relógio sem fazer alarde. Vozinha é um deles.

Enquanto os atacantes correm atrás da fama, ele continua perseguindo a bola. Sem pressa. Como quem aprendeu que experiência também defende.

Seu rosto traz marcas que nenhum creme consegue apagar. Não são rugas. São minutos jogados. Viagens longas. Campos difíceis. Treinos sob o sol. Derrotas engolidas em silêncio. Vitórias comemoradas com a serenidade de quem sabe que o futebol nunca pertence apenas aos vencedores.

Na Copa do Mundo, sua história ganhou o tamanho que sempre mereceu.

A pequena Cabo Verde entrou em campo carregando muito mais do que onze jogadores. Levou consigo um arquipélago inteiro, espalhado pelo Atlântico, acostumado a vencer as distâncias antes mesmo de sonhar com estádios lotados.

E lá estava Vozinha, debaixo das traves, sem gestos exagerados, sem discursos. Os grandes goleiros raramente fazem espetáculo. Fazem o necessário. Um passo para a direita. Dois para a esquerda. Um salto no momento exato. O impossível acontece em silêncio. Foi assim durante toda a campanha.

Enquanto o mundo descobria Cabo Verde, Vozinha parecia apenas cumprir mais um dia de trabalho. Defendia uma bola, orientava a defesa, respirava fundo e recomeçava. Como fazem os homens que

conhecem o peso da responsabilidade. Há algo de bonito nos atletas que envelhecem sem perder a elegância.

Eles já não contam apenas com os músculos. Jogam também com a inteligência. Antecipam movimentos. Conversam com a bola antes que ela chegue. Descobrem atalhos invisíveis aos mais jovens.

Talvez a resiliência seja exatamente isso; continuar quando todos imaginam que já era hora de parar.

A altivez também. Erguer a cabeça depois de cada gol sofrido. Aplaudir o companheiro. Incentivar o estreante. Entender que liderança não se grita. Transmite-se pelo exemplo.

Enquanto milhares de torcedores comemoravam a surpreendente campanha cabo-verdiana, pensei que o futebol ainda produz personagens capazes de ensinar

muito além das quatro linhas.

Num tempo em que tudo parece descartável, um goleiro de quarenta anos lembra que algumas virtudes não envelhecem: persistência, disciplina, humildade e coragem.

Ao apito final, os refletores procuravam os heróis da partida. Vozinha caminhava devagar. Cumprimentava adversários. Agradecia à torcida. Tinha a mesma serenidade de quem sabe que a maior vitória não cabe no placar. Cabe na trajetória porque há troféus que ocupam uma prateleira.

E há histórias que ocupam a memória. A de Vozinha pertence a essa segunda categoria. Não apenas pela Copa que disputou.

Mas por ter mostrado ao mundo que o tempo pode diminuir a velocidade das pernas, nunca a grandeza de um homem que continua acreditando no próximo jogo